

Língua e cultura: integração na aula de língua estrangeira

I. Gretel M. Eres Fernández
USP

Aprender uma língua estrangeira pressupõe conhecer e utilizar adequadamente as regras gramaticais e lexicais do novo idioma, mas não apenas isso. Saber uma nova língua exige que o aprendiz, além da competência lingüística (conhecimento das regras gramaticais, do vocabulário, fonética, etc.), possua outras competências, como a discursiva (capacidade para elaborar textos dotados de coerência e coesão), a estratégica (ser capaz de compensar as falhas na comunicação geradas por falta de domínio lingüístico, por exemplo) e a sociolingüística (saber quando intervir numa conversa, de que forma, em que tom, etc.). Já que para poder se comunicar eficazmente num idioma qualquer é imprescindível que o indivíduo possua competência em cada um dos aspectos envolvidos no processo comunicativo.

Entretanto, nem sempre se verifica um perfeito equilíbrio entre o tempo dedicado em sala de aula a cada um desses componentes. Normalmente, já prioriza-se a competência lingüística, já que grande parte dos estudantes deseja conhecer o maior número possível de

regras gramaticais no menor tempo possível, considerando que com isso serão capazes de se comunicar na língua estrangeira. Paralelamente, muitos professores também enfatizam o conhecimento gramatical e lexical pois a abordagem dos aspectos sócio-culturais significa, muitas vezes, aventurar-se num terreno árido, pouco explorado e não muito seguro.

Certamente não é tarefa fácil tratar questões culturais em aula de língua estrangeira. Várias são as razões que dificultam a inclusão da competência cultural nos cursos: tempo de aula limitado, programas pré-estabelecidos e delimitados, livros didáticos que nem sempre permitem um trabalho adequado, professores que, por vezes, não possuem um bom conhecimento sobre a cultura do(s) povo(s) que utiliza(m) a língua objeto de estudo, falta de orientação sobre quais aspectos culturais são de fato relevantes, etc.

Contudo, pensar que é possível dissociar os aspectos culturais do conhecimento lingüístico na aula de língua estrangeira é, no mínimo, possuir uma visão ingênua do processo ensino-aprendizagem de idiomas.

de realizar esforços para entender aquilo que um estrangeiro quer dizer, desde que o contexto sócio-cultural seja respeitado por ele.

Evidentemente, possuir competência sócio-cultural não significa ter conhecimento dos estereótipos que permeiam determinada comunidade pois eles pouca utilidade comunicativa possuem. É necessário que os estudantes sejam capazes de distinguir o que é aceitável daquilo que não o é em determinado contexto; saber quais comportamentos são adequados e quais não são admitidos em dada situação; em suma: é preciso conhecer os valores, crenças, formas de agir, atitudes a assumir, tom de voz a usar e gestos a fazer em diferentes contextos a fim de tornar-se um falante competente.

Se, como vimos, a competência comunicativa pressupõe que o falante seja competente não só do ponto de vista linguístico, discursivo ou estratégico mas, também, do ponto de vista sócio-cultural, conceitos como gramaticalidade e aceitabilidade precisam ser claramente definidos e valorizados.

Os princípios de gramaticalidade e de aceitabilidade vinculam-se, respectivamente, ao conhecimento linguístico e contextual e ambos encontram-se perfeitamente interrelacionados, de modo que um não pode ser privilegiado em detrimento do outro. Antes, o que se torna necessário é preservar a sua união, de tal forma que o resultado leve a uma comunicação eficaz.

Dessa maneira, durante as aulas de L2, além de dirigirmos nossa atenção

A comunicação linguística é interativa e dinâmica e requer a transmissão de informações de um emissor para um receptor em contextos sócio-culturais determinados e dominados por ambos. Como a comunicação é social, é lógico afirmar ser imprescindível adquirir a competência social necessária para que ela ocorra. Assim, ao usar uma língua, estamos fazendo muito mais do que combinar palavras em frases: estamos contextualizando essas frases e adaptando-as a uma determinada situação. Entende-se, pois, que "contextualizar, do ponto de vista cultural, significa atualizar uma série de elementos (símbolos, crenças, conhecimentos, informações e pressupostos) de que qualquer falante nativo dispõe para abordar uma determinada situação"⁴.

Ao ensinar/aprender uma língua estrangeira deve-se considerar, portanto, que os aspectos culturais são de grande importância: caso eles não sejam devidamente abordados os estudantes correrão o risco de utilizar a L2 a partir das crenças e valores da sua L1, o que poderá gerar situações, no mínimo, desagradáveis ou conflitivas. Não se deveria empregar uma língua estrangeira desconsiderando os valores sociais e culturais que a permeiam, mesmo que do ponto de vista linguístico exista correção. Inclusive, chega-se a afirmar que os "erros culturais afetam a sensibilidade do interlocutor, enquanto os erros linguísticos costumam despertar a sua cooperação"⁵, isto é, existe uma certa predisposição, por parte dos falantes nativos, no sentido

⁴ Miquel, L. *Ibidem*, p.36.

⁵ Miquel, L. *Op.cit.*, p.33

Se considerarmos que "aprender uma língua implica aprender a cultura na qual se desenvolveu e se desenvolve um número determinado de situações sócio-culturais que fazem com que um ato de fala seja como é e não de outra forma"¹, devemos também considerar que certos comportamentos sociais implicam o uso de determinadas formas linguísticas, conhecidas e aceitas pela comunidade que emprega essa língua. Assim, por exemplo, certo ato social exigirá que o falante empregue certa forma de expressão e não outra.

Tomemos o exemplo de uma cerimônia de casamento: cada povo possui rituais determinados que devem ser cumpridos: enviar convites com antecedência, (sendo que esses convites devem ter determinadas características assim como o seu envio); convidar certas pessoas e não outras; estabelecer o horário e tipo de cerimônia; definir se será oferecida uma recepção aos convidados ou não (e, em caso positivo, se todos aqueles que participaram do ritual participarão também da recepção), etc. Dos convidados, por outro lado, também é exigido um certo tipo de comportamento em função da comunidade a que se referir: enviar um presente aos noivos (com antecedência ou não); o que pode e o que não deve ser enviado como presente; como vestir-se para a cerimônia; como e em que momento cumprimentar os noivos; quais os familiares dos noivos que devem ser cumprimentados; etc. Não se trata, portanto, apenas de que os noivos

digam: "convido-o para o nosso casamento" e que o convidado, por sua vez, lhes diga: "Parabéns". Existem formas adequadas que devem ser obedecidas pois a sua transgressão pode surpreender ou mesmo provocar situações embaraçosas.

Um estudante de uma língua estrangeira poderá, caso não tenha adquirido tal conhecimento, desenvolver comportamentos verbais e não verbais que os falantes nativos considerarão inadequados². Saber quais atitudes são as adequadas em cada situação de comunicação é tão importante quanto conhecer as estruturas linguísticas que devem ser valorizadas nessas mesmas situações.

É fundamental, pois, na aula de L2, considerar a abordagem dos aspectos culturais a partir do seu uso, isto é, torna-se imprescindível contextualizar os fatos e fenômenos sócio-culturais a partir da análise de situações específicas pois elas são culturalmente determinadas, e esse é o ponto central para poder interpretar as diferentes mensagens³. Dito de outro modo, quando um falante nativo de um idioma qualquer interpreta corretamente certa mensagem, não o faz apenas por conhecer as regras linguísticas, mas sim porque ele também domina os elementos que integram o contexto no qual a mensagem foi produzida. Um estrangeiro, por sua vez, precisará ser informado a respeito dos elementos sócio-culturais que intervêm naquela situação para que a comunicação se processe adequadamente.

¹ Bueso & Vázquez. *Propuestas prácticas para la enseñanza de la cultura en el aula de E/LE en los niveles inicial e intermedio: enfoque por tareas*, p.64.

² Bueso & Vázquez. *Ibidem*, p.64.

³ Miquel, L. *El choque intercultural: reflexiones y recursos para el trabajo en el aula*, p.36.

para a correção lingüística do ponto de vista formal, será necessário verificarmos até que ponto os enunciados produzidos pelos alunos são apropriados para o contexto no qual são utilizados. Isso significa valorizar, também, as regras sócio-culturais e discursivas já que a "adequação dos enunciados está relacionada com a adequação do significado e com a adequação da forma"⁶.

A adequação do significado vincula-se ao alcance que as funções comunicativas, atitudes e idéias possuem e ao fato de poderem ser consideradas características de uma situação determinada. Já a adequação da forma relaciona-se à representação de verbal (ou não verbal) característica de um dado contexto sócio-lingüístico.

Podemos ilustrar a afirmação anterior apropriando-nos do exemplo utilizado por Canale (1995, p.67): normalmente, não seria adequado que um garçom de um restaurante ordenasse ao cliente qual prato ele vai pedir, independentemente do forma gramatical da frase, por mais correta que ela estivesse do ponto de vista lingüístico. De idêntica maneira, um garçom que, num restaurante de certo nível, se dirigisse ao cliente usando um enunciado como "Ei cara! O que é que você e essa garota aí vão querer?" teria empregado uma forma gramatical inadequada ao contexto.

Inferre-se, do exposto, que as aulas de língua estrangeira devem abordar em todos os níveis do ensino/

correção e adequação e, para tanto, a competência sócio-cultural deve fazer parte de qualquer curso preocupado com o desenvolvimento da efetiva comunicação.

No que se refere ao conhecimento sócio-cultural por parte do professor de língua estrangeira, torna-se necessário salientar que as lacunas que eventualmente existam devem ser adequadamente preenchidas. Nem sempre é possível suprir deficiências na formação docente com rapidez e facilidade; porém isso não pode significar ignorar o assunto e assumir posturas conformistas. O profissional preocupado com o bom desempenho lingüístico dos seus alunos precisa, antes de mais nada, preocupar-se com o seu próprio desempenho.

A situação ideal para o aperfeiçoamento docente passa, muitas vezes, pela vivência no(s) país(es) onde se fala(m) a língua objeto de estudo. Sabemos que na maioria dos casos essa solução é utópica, o que nos obriga a buscar outros caminhos que permitam reduzir as eventuais deficiências de formação, e eles existem.

Os meios chamados de "tradicionais" continuam sendo perfeitamente válidos: a leitura (literatura, jornais, revistas...); a escrita (intercâmbio de correspondência com falantes nativos, por exemplo); o diálogo (conversas mantidas com falantes nativos); a assistência a filmes (cinema, vídeo, televisão) são alguns exemplos de como se pode ter acesso a diferentes aspectos sócio-culturais. Entretanto, existem outras formas de aproximar-se à cultura estrangeira e a Internet é um bom caminho. São inúmeras as

possibilidades que a rede mundial oferece e o professor pode e deve aproveitá-las. Contudo, o que devemos ter presente é a melhor e mais ampla formação do professor, independentemente dos meios ou recursos de que dispunhamos para tanto.

No que diz respeito à abordagem dos aspectos sócio-culturais em sala de aula de língua estrangeira, embora pouco se comente do ponto de vista metodológico, também podemos encontrar formas adequadas de trabalho.

Os diferentes recursos de que dispomos para ter acesso a informações sobre a cultura estrangeira, e citados anteriormente, podem constituir-se, também, em materiais didáticos, além de permitirem realizar contrastes entre aquela cultura e a nacional. Assim, por exemplo, uma propaganda de um automóvel veiculada pela televisão e gravada em vídeo pode vir a ser utilizada em sala de aula como amostra de valores de um determinado grupo social: quais aspectos são destacados (design, segurança, economia, potência do veículo, etc.)? A qual segmento social se destina a mensagem? Quais recursos lingüísticos e extralingüísticos são mais empregados? Em quais pontos essa propaganda estrangeira difere de uma propaganda nacional? Sintetizando: há vários pontos que podem ser explorados e que ultrapassam os limites lingüísticos.

Uma notícia ou um editorial de jornal também diz muito da sociedade a que se faz referência. Um fragmento literário pode estar impregnado de informações culturais. Uma música pode refletir a forma de pensar de determinada faixa etária. A corres-

⁶ Canale, M. De la competencia comunicativa a la pedagogía comunicativa del lenguaje, p.67.

⁷ Hymes, D.H. Acerca de la competencia comunicativa, p.35.

Transfer processes in L2 phonological acquisition and normative criteria: data from a Brazilian study

Kevin John Keys
UFMG

Resumo: Este trabalho relata alguns dados exemplificativos de um projeto de pesquisa sobre a aquisição de habilidades fonológicas entre estudantes brasileiros de inglês como LE estrangeira. Os dados estão contextualizados de duas formas: dentro de dois conceitos fundamentais para estudos em interlíngua (transferência e classificação de equivalência) e em termos dos critérios subjacentes à noção de inglês como língua internacional. Essas idéias são discutidas e os dados do projeto oferecem uma maneira concreta de visualizar os fenômenos envolvidos e suas implicações para a pesquisa em interfonologia e para a pedagogia do ensino de línguas estrangeiras.

Palavras-chave: transferência, fonologia, inglês como língua estrangeira.

Abstract: This paper reports some exemplary data from research project into the acquisition of phonological skills among Brazilian students of English as a foreign language. The data are contextualised in two ways: in relation to two basic concepts in interlanguage studies (transfer and equivalence classification) and in terms of the criteria that underlie the notion of English as an international language. These ideas are discussed and the data from the project offer a concrete way of looking at the features involved and their implications for research in interphonology and for foreign language teaching.

Key-words: transfer, phonology, EFL

Introduction
Teaching pronunciation skills in English classes appears to have a low priority among Brazilian teachers of English as a foreign language. This is because – according to the reports of teacher train-

de la cultura. In: *Frecuencia L* (7). Madrid: Edinumen, pp.3-11.

CANALE, M. (1995) De la competencia comunicativa a la pedagogía comunicativa del lenguaje. In: LLOBERA, M. (coord.) *Competencia comunicativa. Documentos básicos en la enseñanza de lenguas extranjeras*. Madrid: Edelsa. Pp.63-81.

HYMES, D. H. (1995) Acerca de la competencia comunicativa. In: LLOBERA, M. (coord.) *Competencia comunicativa. Documentos básicos en la enseñanza de lenguas extranjeras*. Madrid: Edelsa. Pp.27-46.

JUÁREZ, P. (1996) *Cultura y lenguas de España en los cursos de E/LE*. In: *Cuadernos Cervantes* (10). Madrid: ELR, pp. 47-50.

MIQUEL, L. (1999) El choque intercultural: reflexiones y recursos para el trabajo en el aula. In: *Carabela* (45): Madrid: SGEL, 27-46.

SÁNCHEZ, J. (1999) *Lengua y cultura. La tradición cultural hispánica*. In: *Carabela* (45): Madrid: SGEL, pp. 5-26.

pondência mantida com falantes nativos pode enriquecer o conhecimento sobre os valores sociais. Em suma: há diversos meios para se ter acesso à cultura estrangeira e esses mesmos recursos podem transformar-se em excelentes materiais didáticos. O que importa é mudar a nossa forma de olhá-los e procurar enxergar mais além das palavras e frases. É preciso avançar e procurar conhecer, cada vez mais, a forma de ser, agir e pensar de quem utiliza esse idioma para que possamos nos tornar, também, falantes competentes na língua estrangeira.

Bibliografía:

AGUIRRE, B. (1998) *Comunicación y cultura en situaciones profesionales: saber ser, saber estar y saber hacer*. In: *Frecuencia L*(70). Madrid: Edinumen. Pp.19-24.

BUESO, I. & VÁZQUEZ, R. (1999) *Propuestas prácticas para la enseñanza de la cultura en el aula de E/LE en los niveles inicial e intermedio: enfoque por tareas*. In: *Carabela* (45): Madrid: SGEL, pp.63-92.

CABALLERO, J. (1998) *La adquisición de conceptos culturales y el aprendizaje*